Encontros Teológicos adere a uma Licença Creative Commons –
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

O Deus que habita com o seu povo: fundamentação bíblica do lema "Ele veio morar entre nós" (Jo 1,14) da Campanha da Fraternidade 2026

The God who dwells with his people: biblical foundation of the motto "He came to dwell among us" (Jn 1:14) for the 2026 Fraternity Campaign

Osmar Debatin[*]
FACASC

Recebido em: *03/10/2025*. Aceito em: *25/11/2025*.

Resumo: *Este artigo analisa a fundamentação bíblica do lema da Campanha da Fraternidade 2026,* "Ele veio morar entre nós" *(Jo 1,14), destacando o mistério da Encarnação como eixo central da teologia da morada de Deus. O estudo percorre o itinerário da presença divina no Antigo Testamento – desde o Éden, a tenda do encontro e o templo de Jerusalém até as promessas proféticas – , mostrando como cada etapa prepara a plenitude da revelação em Jesus Cristo, o Verbo encarnado. No Novo Testamento, especialmente no Evangelho de João e nas cartas paulinas, a habitação divina se expressa na pessoa de Cristo, na Igreja e em cada crente como templo do Espírito, antecipando a comunhão escatológica anunciada em Ap 21,3. A reflexão bíblica ilumina ainda a dimensão pastoral e social da Campanha, ao afirmar a moradia humana como direito sagrado, condição de dignidade e expressão da presença de Deus na vida comunitária.*

Palavras-chave: *Morada de Deus; encarnação; Igreja; Campanha da Fraternidade.*

Abstract: *This article examines the biblical foundation of the motto of the 2026 Fraternity Campaign,* "He Came to Dwell Among Us" *(Jn 1:14), emphasizing the mystery of the Incarnation as the central axis of the theology of God's dwelling.*

[*] Doutor em Teologia Bíblica (Pontificia Università S. Tommaso d'Aquino, Angelicum, Roma, 2020). Mestre em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo, RS, 2011). Docente na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC – Florianópolis, SC.

E-mail: peosmar@gmail.com.

Dossiê

The study traces the biblical itinerary of divine presence in the Old Testament – from Eden, the Tent of Meeting, and the Temple of Jerusalem to the prophetic promises – showing how each stage prepares the fullness of revelation in Jesus Christ, the incarnate Word. In the New Testament, especially in the Gospel of John and in Paul's letters, God's dwelling is expressed in Christ himself, in the Church, and in every believer as a temple of the Spirit, anticipating the eschatological communion announced in Rev 21:3. This biblical reflection also highlights the pastoral and social dimension of the Campaign, affirming human housing as a sacred right, a condition of dignity, and an expression of God's presence in community life

Keywords: *God's dwelling; Incarnation; Church; Fraternity Campaign.*

Introdução

O lema da Campanha da Fraternidade 2026, "Ele veio morar entre nós" (Jo 1,14), situa a reflexão cristã no coração do mistério da fé: a Encarnação do Verbo, em que o Logos eterno assume a condição humana e arma a sua tenda no meio da história. O lema escolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) não é apenas um mote pastoral, mas sintetiza um longo percurso bíblico acerca da presença de Deus junto ao seu povo. Desde o Antigo Testamento, a Escritura testemunha o desejo divino de habitar no meio da humanidade: no Éden, como espaço originário de comunhão (Gn 2-3); na tenda do encontro, como sinal da proximidade durante o êxodo (Ex 25,8; 40,34-38); no templo de Jerusalém, como expressão estável da aliança (2Sm 7; 1Rs 8,10-13); e nas promessas proféticas, que deslocam a presença divina para o horizonte escatológico e para o coração humano (Ez 37,27; Jr 31,31-34; Is 7,14).

No Novo Testamento, esta trajetória encontra sua plenitude. O Quarto Evangelho afirma que o Verbo "armou sua tenda entre nós" (Jo 1,14), retomando a imagem veterotestamentária do tabernáculo para indicar que, em Cristo, Deus assume definitivamente a história humana como lugar de sua morada. A glória que outrora enchia o santuário (Ex 40,34; 1Rs 8,10-11) manifesta-se agora na vida, na cruz e na ressurreição do Filho (Jo 2,19-21; 12,23-24). A teologia paulina aprofunda essa dimensão ao afirmar que a comunidade dos crentes é templo do Espírito (1Cor 3,16; Ef 2,21-22), de modo que a morada divina se realiza na Igreja e em cada batizado, enquanto sinal antecipador da comunhão plena prometida no Apocalipse: "Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles" (Ap 21,3).

Nesse sentido, o lema da Campanha da Fraternidade 2026 adquire densidade exegética e teológica, pois a categoria da morada, longe de se restringir a um espaço físico, revela-se como símbolo da relação entre Deus e a humanidade. A casa, o templo e a comunidade tornam-se metáforas de uma mesma realidade: a iniciativa divina de estar próximo, salvar e estabelecer sua presença no meio do povo. Assim, a fundamentação bíblica ilumina também o aspecto social da temática proposta, ao indicar que a moradia, além de necessidade básica, é direito sagrado e expressão concreta da dignidade humana criada para viver em comunhão com Deus e com os irmãos.

Essa compreensão da morada de Deus, fundamentada na unidade entre Antigo e Novo Testamento, exige que se revisite o percurso histórico-salvífico da presença divina junto ao seu povo. A revelação bíblica não apresenta um conceito abstrato de "habitação", mas o articula em etapas progressivas que traduzem a pedagogia de Deus: desde os relatos da criação, passando pela tenda e pelo templo, até a promessa de uma presença definitiva. Portanto, para compreender em profundidade o lema da Campanha da Fraternidade 2026, torna-se necessário examinar inicialmente como o Antigo Testamento estrutura a noção de morada, identificando os símbolos e eventos que preparam o advento da plenitude em Cristo em Jo 1,14.

1 A morada de Deus no Antigo Testamento

Desde o Gênesis, a narrativa bíblica revela o desejo divino de comunhão com a humanidade. O jardim do Éden (Gn 2-3) é o primeiro símbolo da morada de Deus com o ser humano. Após a queda, Deus não abandona seu povo, mas se revela progressivamente e permanece com ele.

Como afirma Westermann (1994), os primeiros capítulos "não pretendem descrever um fato histórico observável, mas expressam, em linguagem figurativa e cultual, a relação originária entre Deus, o ser humano e o mundo" (Westermann (1994, p. 127). Consequentemente, no relato de Gênesis 1, Deus cria o mundo em seis dias e, ao término, descansa no sétimo dia (Gn 2,1-3). Esse descanso não é sinal de cansaço, mas de entronização. O "descanso" é a imagem bíblica de Deus tomando posse do seu santuário.

O universo é apresentado não apenas como algo criado por Deus, mas como o espaço onde Ele habita e do qual governa. O estudioso John

H. Walton, especialista em Antigo Oriente, afirma que o relato de Gn 1 deve ser lido como a dedicação de um templo:

> *Quando um deus no mundo antigo 'descansava' após terminar uma obra, isso significava que ele se estabelecia em seu templo para governar. O relato de Gênesis 1 descreve o cosmos como um templo, cuja inauguração culmina no descanso de Deus no sétimo dia* (Walton, 2009, p. 72-73).

Assim, o sábado (descanso) é o sinal litúrgico da morada divina: o mundo não é apenas criado por Deus, mas para ser sua morada.

Êxodo 25,8 afirma: "Fazei para mim um santuário, e habitarei no meio deles". A expressão hebraica מִקְדָּשׁ (*miqdash*), "santuário", indica um espaço separado para o encontro com Deus, enquanto o verbo וְשָׁכַנְתִּי (*vešāḵantî*), "habitar", deriva da raiz שכן (*shkn*), que dá origem à ideia de Shekiná, a presença divina que se manifesta entre o povo.

Fretheim (1991, p. 268) destaca que o santuário não é a "casa de Deus", mas um sinal sacramental de que Ele caminha com seu povo, implicando uma presença dinâmica. De forma semelhante, Childs (1974, p. 540) interpreta o Tabernáculo como parte constitutiva da aliança, pois torna visível e comunitária a presença do Deus salvador.

Assim, o objetivo não é simplesmente um espaço cultual, mas a materialização da proximidade de Deus, que quer "habitar no meio deles" (בְּתוֹכָם *bětôkām*) – isto é, no coração da comunidade.

Nahum M. Sarna, em seu comentário sobre Êxodo, observa que o Santuário não é um "espaço de confinamento" de Deus, mas um sinal da continuidade da presença divina que acompanhou Israel desde o Sinai. Sarna enfatiza que a estrutura literária de Êxodo 25-31, no qual se insere a citação de Ex 25,8, ecoa a narrativa da criação em Gênesis, sugerindo que o Tabernáculo é uma espécie de "microcosmo do universo ordenado".

> *A narrativa da construção do Tabernáculo está cuidadosamente moldada segundo os padrões da narrativa da criação. Assim como Deus ordena e organiza o cosmos para habitar nele, o povo organiza um espaço para que Deus habite entre eles. O Tabernáculo torna visível a presença continuada de Deus no mundo humano* (Sarna, 1991, p. 161).

O capítulo 2 Samuel 7 constitui um dos textos teológicos mais centrais do Antigo Testamento sobre a morada divina. Nele, ocorre a

aliança davídica, que estabelece a promessa de que Deus fará "uma casa" para Davi, entendida não como templo, mas como linhagem real duradoura: "O rei disse ao profeta Natã: 'Vê! Eu moro numa casa de cedro, enquanto a arca de Deus habita numa tenda.'" (2Sm 7,2).

Aqui, Davi expressa o desejo de construir um templo para Deus, em contraste com sua própria moradia de luxo. Brueggemann, 1990, observa que o capítulo apresenta uma subversão do poder humano: Deus recusa a iniciativa de Davi e reverte a lógica do poder real.

> *Davi pressupõe que a estabilidade que conquistou para si deve ser estendida a Deus na forma de um templo. Contudo, o texto inverte essa pretensão: é Deus quem 'estabelece' Davi. O projeto de construir para Deus é recusado, pois Deus permanece um Deus que acompanha o povo, mais do que um Deus confinado a uma estrutura.* (Brueggemann, 1990, p. 253).

Este episódio revela uma teologia profundamente inovadora. A iniciativa de Davi, ainda que piedosa, é relativizada diante da soberania de Deus, que não depende de construções humanas para manifestar sua glória (cf. Is 66,1-2). Contudo, a promessa divina não elimina a importância do templo, mas o ressignifica: antes de ser uma morada que o homem oferece a Deus, o templo é, na fé de Israel, o espaço que Deus escolhe para fazer habitar o seu Nome (Brown, 2007, p. 340).

A experiência traumática do exílio babilônico (586 a.C.), com a destruição do templo de Jerusalém, abalou profundamente a compreensão de Israel sobre a presença de Deus. Se antes o templo de Salomão era considerado o centro da vida religiosa e garantia da morada divina, a sua ruína parecia colocar em xeque a aliança e a promessa davídica. Nesse contexto de crise, a voz dos profetas foi decisiva para reformular a esperança e aprofundar o sentido da morada de Deus. Portanto, ver-se-á a perspectiva dos profetas Ezequiel, Isaías e Jeremias acerca da compreensão desta temática.

O profeta Ezequiel, que vivenciou o exílio, transmite uma promessa restauradora: "Porei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha Habitação estará no meio deles: eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (Ez 37,26-27). Ezequiel 37 compõe o conjunto da seção de restauração (Ez 33-39), que sucede os oráculos de juízo (Ez 1-32). Após o exílio e a destruição do Templo em 587 a.C., o profeta anuncia que Deus: restaurará Israel como povo, reunificará Judá e Efraim e estabelecerá

uma nova relação de aliança. Os versículos Ez 37,26-27 pertencem ao oráculo da aliança de paz (berit shalom), promessa de estabilidade e da volta da presença divina.

Assim, Eichrodt, 1967, observa que a restauração não é simplesmente política ou territorial, mas sobretudo cultual e relacional: Deus retorna ao povo que havia sido purificado e reunido. A promessa do "santuário no meio deles" retoma e transforma a teologia do Tabernáculo (Ex 25,8), mas agora com caráter eterno:

> *A presença de Deus no meio de Israel não é limitada a um lugar específico, mas constitui a própria essência da sua relação de aliança. Em Ezequiel, o santuário representa a realidade viva da comunhão entre Deus e seu povo restaurado; é o sinal da nova criação, onde Deus se torna novamente o centro da existência nacional.* (Eichrodt, 1967, p. 485).

Portanto, a promessa de morada – permanência é promessa de intimidade, não de arquitetura.

Por sua vez, Isaías apresenta, no chamado Livro do Emanuel (6-12) uma dimensão ainda mais ousada da morada de Deus: "Eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho, e pôr-lhe-á o nome de Emanuel" (Is 7,14). Segundo Schökel

> *"Emanuel" significa "Deus conosco" e aponta para uma encarnação histórica da presença divina: não apenas em um lugar ou em uma instituição cultual, mas na própria vida de um descendente davídico que será sinal da fidelidade de Deus à sua promessa, de modo que o "Deus-conosco" está realmente em Cristo* (Schökel, 1988, v. I, 150).

Isaías 7 está inserido na narrativa do confronto entre o rei Acaz (Judá) e a coalizão siro-efraimita (Síria + Israel do Norte), por volta de 734-732 a.C. A coalizão tenta forçar Judá a entrar em um pacto militar contra a Assíria. Acaz, temeroso, considera buscar ajuda da própria Assíria – o que equivaleria a submeter Judá ao domínio estrangeiro.

É neste contexto de crise política e fé vacilante que Isaías anuncia um sinal. (Childs, 2001, p. 66), sublinha que o texto de Is 7,14 deve ser lido no seu contexto imediato: o nascimento de uma criança – provavelmente do ambiente cortesão – funcionaria como sinal de que Deus continua presente com Judá, garantindo que a coalizão inimiga não triunfará. Childs destaca ainda que, ao mesmo tempo, o nome Emma-

nuel transborda seu contexto histórico, abrindo uma dimensão escatológica – isto é, ele aponta além da situação imediata para a plenitude da salvação futura. "A tradição posterior leu no sinal um anúncio que ultrapassa o momento histórico e se projeta para uma esperança messiânica, na qual a presença de Deus com o seu povo atinge o seu clímax." (Childs, 2001, p. 68).

O profeta Jeremias também amplia essa perspectiva ao anunciar a nova aliança: "Eu porei minha lei no seu seio e a escreverei em seu coração. Então eu serei seu Deus e eles serão meu povo" (Jr 31,33). Aqui, a morada de Deus não se limita a um espaço físico, mas se inscreve no coração humano. A interiorização da aliança significa que a presença divina se torna mais radical e universal, não dependendo mais de um templo material, mas da fidelidade do próprio Deus em fazer sua morada no coração do ser humano (Kilpp, 2025, p. 385-388).

Jeremias 30-33 é frequentemente chamado de "Livro da Consolação". Após longos oráculos de denúncia e juízo (Jr 1-29), esses capítulos anunciam: a restauração do povo após o exílio, a reconstrução de Jerusalém e uma nova relação de aliança entre Deus e Israel. O centro teológico desta seção é Jr 31,31-34, o anúncio da Nova Aliança, que não abole a antiga, mas a interioriza.

Thompson (1980), destaca que o oráculo anuncia uma transformação profunda da relação com Deus. A Lei, antes vinculada a tábuas externas, será agora gravada no interior da pessoa – não como imposição, mas como convicção vivida:

> *a novidade da aliança não está em seu conteúdo, mas em sua localização. a torá não permanece mais algo externo ao indivíduo, mas é interiorizada, tornando-se parte constitutiva da identidade e da ação. a obediência deixa de ser mera conformidade externa para tornar-se resposta interior moldada pelo próprio Deus* (Thompson, 1980, p. 579).

Thompson observa ainda que "A fórmula da aliança – 'Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo' – reaparece aqui como realidade existencial, pois a comunhão com Deus (a morada) passa a ser sustentada por um laço interno e vital, não apenas legal" (Thompson, 1980, p. 580).

Logo, ao traçarmos a perspectiva do Antigo Testamento sobre a temática da moradia, a partir de alguns textos bíblicos, revela que a verdadeira morada de Deus não se reduz a um espaço material, mas se

projeta para uma comunhão definitiva, na qual Ele estará para sempre com seu povo (cf. Ap 21,3). O paraíso, a tenda, o santuário, o templo e a nova aliança são etapas progressivas de uma mesma realidade teológica: o desejo de Deus de estar próximo, salvar e morar no meio da humanidade.

2 Igreja e comunidade como nova morada de Deus

Nos primeiros anos do cristianismo, a comunidade cristã não possuía edifícios religiosos próprios. A fé era vivida de modo essencialmente comunitário e doméstico, centrado na casa (oikos), onde se realizavam a fração do pão, a escuta da Palavra e a oração (cf. At 2,42-47). Esses grupos, conhecidos como *ekklesiai domésticas*, expressavam a convicção de que a presença de Cristo ressuscitado era o verdadeiro centro da assembleia, e não um espaço físico sacralizado.

Segundo Roger Haight: "Nos primeiros séculos, a Igreja se entende como povo reunido, e não como edifício. A comunidade é o lugar da presença de Cristo e do Espírito, não um espaço consagrado." (Haight, Roger, 2004, p. 45).

Contudo, essa compreensão evoluiu gradualmente à medida que a Igreja crescia e se consolidava socialmente. A partir do século III e especialmente após a Paz de Constantino (313 d.C.), a comunidade cristã passou a adquirir visibilidade pública, o que exigiu espaços amplos e estáveis para a celebração litúrgica e catequética. Nesse contexto, desenvolve-se o modelo da basílica, edifício urbano romano destinado a assembleias, que se tornou a estrutura arquitetônica predominante das igrejas.

A transição não foi apenas arquitetônica, mas também teológica. O pensamento cristão passou a relacionar a Igreja com o Templo de Jerusalém de forma tipológica: o antigo templo, destruído em 70 d.C., prefigurava a nova morada de Deus no meio do povo, agora realizada no Corpo de Cristo ressuscitado e na comunidade reunida (cf. Jo 2,21; 1Cor 3,16-17).

Nesse sentido, Yves Congar explica: "A comunidade cristã é o novo templo porque é o Corpo de Cristo animado pelo Espírito. O edifício eclesial surge, então, como sinal sensível dessa realidade invisível." (Congar, 1982, p. 112). Assim, o templo cristão não é concebido como "morada de Deus" no sentido material, mas como lugar sacramental onde o mistério da comunhão eclesial se torna visível

Neste contexto, enquanto no Antigo Testamento a presença de Deus se ligava à tenda e ao templo, agora Paulo, em suas cartas, reinterpreta essa concepção em chave cristológica e pneumatológica (Pitta, 2019, p. 29-30). Ele afirma que a comunidade cristã e cada crente tornam-se o verdadeiro templo de Deus, pois o Espírito habita neles: "Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1Cor 3,16). "Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus?... e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos?" (1Cor 6,19).

A Primeira Carta aos Coríntios responde a problemas concretos da comunidade cristã em Corinto: divisões, imoralidade sexual, disputas internas e desordens na assembleia (cf. 1Cor 1-6). O capítulo 6, em particular, discute o uso ético do corpo, sobretudo em relação à sexualidade. Paulo combate a concepção grega dualista, segundo a qual o corpo seria irrelevante para a vida espiritual. Para alguns coríntios, isso justificaria condutas sexuais desordenadas, pois acreditavam que "o corpo não tem importância".

Assim, a expressão "templo do Espírito Santo" não indica apenas presença simbólica, mas presença real e ativa do Espírito na pessoa. Segundo Gordon D. Fee: "Paulo usa a imagem do templo para indicar que Deus não habita mais em um espaço construído, mas na comunidade e no corpo do cristão. A santidade do corpo deriva da própria presença divina nele." (Fee, 1987, p. 254)

Logo, o corpo não é propriedade privada, mas parte de um relacionamento de aliança: "Não pertenceis a vós mesmos." (1Cor 6,19).

Aqui, Paulo rompe com a concepção de um espaço delimitado (como a cidade de Jerusalém) e afirma que a morada de Deus se realiza na própria vida dos cristãos. É uma transposição da presença divina para a comunidade e o corpo humano, onde o Espírito torna presente o Cristo ressuscitado.

Em Ef 2,19-22, Paulo apresenta uma imagem eclesiológica marcante: a Igreja como edifício espiritual edificado sobre os apóstolos e profetas, tendo Cristo como pedra angular:

> *Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular. Nele bem articulado, todo o edifício, do qual é Cristo Jesus a pedra angular. Nele bem articulado, todo o edifício se ergue em santuário sagrado no Senhor, e vós, também, nele*

> *sois co-edificados para serdes uma habitação de Deus, no Espírito* (Ef 2,20-22).

Efésios 2 (uma carta deuteropaulina) trata da reconciliação realizada por Cristo, que: reconcilia o ser humano com Deus (2,1-10) e reconcilia judeus e gentios entre si, formando um só povo (2,11-22). A perícope 2,19-22 é o ápice desse argumento: a reconciliação produz uma nova realidade: a Igreja como templo espiritual, onde Deus habita por meio do Espírito.

Essa passagem mostra que a Igreja é o novo templo vivo, resultado da ação reconciliadora de Cristo (Ef 2,14-18), que une judeus e gentios. A morada de Deus, portanto, se realiza na comunhão do povo messiânico, sinal do cumprimento das promessas proféticas (Ez 37,27). Assim, Andrew T. Lincoln observa: "A Igreja não é apenas comparada a um templo; ela é apresentada como o verdadeiro templo escatológico, onde Deus habita no Espírito." (Lincoln, 1990, p. 158)

Já em 2Cor 6,16, Paulo retoma a promessa veterotestamentária: "Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós que somos o templo do Deus vivo, como disse o próprio Deus: 'Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus, e eles serão o meu povo'". A citação remete a Levítico 26,11-12 e Ezequiel 37,27, mostrando continuidade entre a tradição bíblica e sua atualização cristã. A diferença é que agora a promessa se cumpre na comunidade que vive a fé em Cristo, na qual Deus habita de modo efetivo pelo Espírito no meio do seu povo.

A 2 Coríntios é uma carta marcada pela defesa do ministério apostólico de Paulo e pela afirmação da identidade cristã diante de tensões internas na comunidade. No capítulo 6, Paulo exorta os coríntios a não se associarem a práticas idolátricas (6,14-7,1). A cidade de Corinto era repleta de templos e cultos pagãos. Alguns cristãos participavam de ambientes sociais ligados a práticas cultuais idolátricas, o que gerava ambiguidade religiosa.

Paulo responde afirmando que os cristãos são agora o lugar da presença de Deus – não podem, portanto, participar de cultos idolátricos que contradigam essa identidade. Por isso o Apóstolo não diz apenas que o cristão pertence a Deus, mas que o próprio Deus habita na comunidade.

Segundo Gordon D. Fee: "Para Paulo, o templo não é mais um edifício, mas a própria comunidade que vive do Espírito. A identidade do

cristão é definida pela presença de Deus nele, e essa presença determina sua ética e seus vínculos." (Fee, 1994, p. 311)

A novidade paulina é também ética e existencial. Se o corpo do cristão é templo do Espírito (1Cor 6,19), isso implica viver a santidade em todas as dimensões da vida. A presença de Deus não é apenas um dado cultual, mas se torna critério moral: "aquilo que se faz com o corpo (sexualidade, relações sociais, solidariedade) está ligado diretamente ao fato de ser morada santa" (Barbaglio, 2017, p. 234).

Por isso, em Rm 12,1, Paulo exorta: "a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual". Aqui, a noção de templo se transforma em existência oferecida, em que a vida cotidiana do cristão torna-se liturgia viva diante da morada de Deus. Ou como comenta a Bíblia de Jerusalém sobre este versículo:

> *A comunidade cristã sucede ao Templo de Jerusalém (Sl 2,6; 40,9), e o Espírito que nela habita torna mais intensa a presença de Deus no meio do povo santo. Ele inspira assim um novo culto espiritual, pois os fiéis são membros de Cristo que, em seu corpo crucificado e ressuscitado, tornou-se o lugar de uma presença nova de Deus e de um culto novo* (Bíblia de Jerusalém, 1995, nota p., p. 2139-2140).

Embora Paulo já afirme a presença de Deus no Espírito que habita nos crentes, há também uma dimensão escatológica. A plena morada de Deus só se realizará na consumação: "Depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro (ἀπάντησις) com o Senhor nos ares. E assim estaremos sempre com o Senhor." (1Ts 4,17).

A palavra grega apántēsis (o encontro) aqui é decisiva. Ela não significa ir morar nos céus. Trata-se de um termo técnico do vocabulário político: Quando uma figura real chegava a uma cidade, os cidadãos saíam ao seu encontro e o acompanhavam de volta à cidade. Segundo N. T. Wright: "A palavra apántēsis indica não uma partida para o céu, mas uma procissão de boas-vindas ao rei que vem. O Senhor desce; os crentes vão recebê-lo; e juntos retornam à terra renovada." (Wright, 2007, p. 134-136). Assim, Paulo não descreve um "arrebatamento para escapar do mundo", mas o acolhimento do Senhor que vem para instaurar a plenitude de seu Reino.

Ou seja, a morada de Deus já é uma realidade na comunidade cristã, mas tende à plenitude futura, quando a comunhão com Deus será

definitiva. Por isso, o Novo Testamento termina com a imagem final da Nova Jerusalém (Ap 21,3), onde se retoma e consuma esta realidade: "Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles". Ap 21 inaugura a visão da nova criação: nova Jerusalém, novos céus e nova terra. Após a derrota definitiva do mal (Ap 20), João descreve não uma fuga do mundo, mas a renovação radical da criação (cf. Is 65,17).

O versículo 3 é o centro teológico dessa renovação: a presença de Deus no meio da humanidade é o cume da história da salvação. A palavra skēnē remete à Tenda do Encontro do Êxodo (cf. Ex 25–31). Ali, Deus "armou sua tenda" para caminhar junto com o povo no deserto. Agora, essa mesma realidade não se limita a um espaço sagrado: toda a humanidade é transformada em lugar de presença divina.

Assim Bauckham conclui sabiamente: "O Apocalipse retoma a antiga promessa do Êxodo, mas agora em sua forma definitiva: o Deus que caminhava com Israel agora habita permanentemente com toda a humanidade redimida" (Bauckham, 1993, p. 134).

3 O Verbo que "armou sua tenda entre nós" (Jo 1,14)

Este versículo é o coração do Prólogo do Quarto Evangelho (Jo 1,1-18), onde o Logos eterno, que estava "com Deus" e "era Deus" (Jo 1,1), assume carne e passa a habitar no meio dos homens. O Prólogo funciona como porta de entrada para o Evangelho, apresentando os principais temas que se desenvolverão ao longo da obra: o Verbo (Logos), eterno junto de Deus; a criação; a encarnação; a revelação e a resposta humana de fé ou rejeição.

Neste sentido, Raymond E. Brown destaca: "O Prólogo é como uma abertura musical, no qual os principais temas do Evangelho são introduzidos para depois serem desenvolvidos em profundidade." (Brown, 1966, p. 3)

Nosso versículo chave da Campanha da Fraternidade é o clímax do Prólogo e do Cristianismo: "O Verbo se fez carne (σὰρξ ἐγένετο) e armou sua tenda entre nós." (Jo 1,14). A expressão "armou sua tenda" (eskēnōsen) retoma a Tenda do Encontro (Ex 25-31). Assim, a presença de Deus não está mais no templo, mas na pessoa de Jesus.

De acordo com Francis J. Moloney: "O Verbo não apenas assume humanidade: ele assume a condição histórica concreta. A revelação de

Deus se dá na fragilidade." (Moloney, 1998, p. 34). Deste modo, o Prólogo revela que o centro da fé cristã não é uma doutrina, mas uma pessoa: o Verbo encarnado, que entra na história para conduzir a humanidade à comunhão com Deus.

Trata-se de uma inversão radical: em vez de o ser humano subir até Deus, é Deus quem desce e toma morada na história humana. Logo, a morada de Deus se dá na condição humana, revelando que a humanidade pode ser lugar de sua presença (Beutler, 2016, p. 59).

Deste modo Jo 1,14 é o centro teológico do Prólogo e núcleo do Quarto Evangelho. Tudo o que veio antes culmina aqui: o Logos eterno (Jo 1,1), agente da criação (1,3), fonte de vida e luz (1,4) entra na história humana.

O Logos não "pareceu" ou "assumiu aparência": o Verbo se fez carne (σὰρξ ἐγένετο). "Carne" (sarx) não significa apenas corpo físico, mas a condição humana frágil, histórica e mortal. Karl Rahner observa: "A encarnação não é Deus assumindo um disfarce humano, mas a entrada de Deus na própria realidade da fraqueza humana." (Rahner, 1981, p. 41)

O verbo usado pelo Quarto Evangelho significa "armar a tenda". Há aqui uma referência direta ao Êxodo: Deus habita na Tenda do Encontro (Ex 25-31) e Deus caminha com o povo no deserto (Ex 33,7-11). Agora, essa presença toma forma pessoal: O corpo de Jesus é a nova Tenda / o novo Templo. Segundo Konings: "João afirma que a presença de Deus que antes residia no Templo agora reside na pessoa de Jesus. Ele é o novo lugar da revelação." (Konings, 2000, p. 90).

Com este versículo se acrescenta: "e nós vimos a sua glória" (Jo 1,14b). A glória (dóxa) é a manifestação visível da presença divina. No AT, ela preenchia a Tenda e o Templo (Ex 40,34; 1Rs 8,10-11). Para o Quarto Evangelho, essa glória não é brilho físico, mas o amor que se entrega, especialmente na cruz (Jo 12,23-24). Como afirma Hans Urs von Balthasar: "A glória de Deus se revela em Jesus como amor que se doa; a cruz é o ápice dessa revelação." (Balthasar, 2009, p. 72).

Logo, Jo 1,14 afirma a mais radical proximidade de Deus: O Deus transcendente se faz próximo. O eterno entra no tempo. O invisível se torna visível no rosto de Jesus. A encarnação significa que a presença de Deus não está mais em um lugar, mas em uma pessoa, que caminha com seu povo como Tenda viva. Ou seja, a encarnação não é simples manifestação, mas assunção real da condição humana (Beutler, 2016,

p. 60). O Logos eterno entra no tempo, compartilhando a fragilidade da carne (cf. Fl 2,6-8). Em Cristo, Deus não apenas visita, mas habita de modo permanente, revelando-se como Emmanuel – "Deus conosco" (Mt 1,23). Por isso, só Ele pode dar a conhecer algo da parte do Pai e ser o seu "exegeta".

Na última frase do versículo: "Cheio de graça e de verdade" (Jo 1,14c) a expressão ecoa a fórmula de Ex 34,6 ("cheio de amor e fidelidade"), quando Deus se revela a Moisés. Agora, Cristo é a plenitude dessa presença misericordiosa e fiel de Deus entre nós, de modo que a morada de Deus se caracteriza por relação: é um espaço de graça e verdade, de comunhão, de vida partilhada, ou na afirmação de Moloney: "Jesus é a expressão definitiva da fidelidade amorosa de Deus. Nele, a graça não é conceito, mas presença viva." (Moloney, 1998, p. 38).

Konings sintetiza bem isso, comentando:

> *A "graça e a verdade" é o amor fiel e leal a Deus – podemos até dizer: a aliança – que em Jesus se torna presente e visível. Na "carne" que é Jesus (= na sua existência humana e mortal), contemplamos a glória de Deus, que é seu amor e fidelidade (cf. 1Jo 4,8.10: "Deus é amor"). Isso se verifica sobretudo quando Jesus se despoja de sua vida "na carne", impulsionado por um amor fiel até o fim. Nesse momento, ele poderá dizer: "Quem me vê, vê o Pai" (14,9)* (Konings, 2000, p. 91).

Na tradição patrística, em suas *Homilias sobre João (Hom. 11,1)*, São João Crisóstomo comenta Jo 1,14: "Não disse: 'habitou', mas: 'armou sua tenda', mostrando-nos que sua morada entre nós foi temporária, e que Ele viveu como estrangeiro, preparando-nos para a pátria celeste." (Aquino, 2014, p. 58). Aqui Crisóstomo associa a tenda com a condição itinerante: Cristo habita conosco como peregrino, para conduzir-nos à morada eterna.

Em *Commentarius in Ioannem (I,14)*, Cirilo afirma: "Ele armou sua tenda em nós, não porque precisasse dela, mas para santificar nossa natureza e habitar em nós pelo Espírito (Aquino, 2014, p.58). Logo, Cirilo destaca que a encarnação inaugura a nova habitação de Deus, agora não mais em pedra, mas no coração humano transformado.

Um comentário profundo acerca da morada de Deus encontra-se em Atanásio de Alexandria (†373 d.C.) em *De Incarnatione Verbi*, quando afirma que a encarnação é a cura da humanidade: "Ele se fez homem para que nós fôssemos divinizados" (Aquino, 2014, p. 59). Para

Atanásio, o "armar a tenda" significa que o Filho assumiu nossa carne mortal, tornando-a lugar da glória divina. A morada de Deus é agora inseparável da nossa humanidade.

Assim, a tradição patrística leu Jo 1,14 como o coração da fé cristã: o Deus invisível fez-se visível em Cristo, que se torna a morada definitiva de Deus entre os homens. Para os Padres da Igreja, Jo 1,14 é o grande mistério da fé: o Logos, eterno no seio do Pai, arma sua tenda na carne humana, transformando a história em lugar da glória divina (Aquino, 2014, p. 60).

Em síntese para esta Campanha da Fraternidade o lema: "Ele veio morar entre nós (Jo 1,14) afirma que a morada de Deus se realizou de modo pleno na encarnação do Verbo. O que antes era sinal (tenda e templo), agora é realidade viva na carne de Jesus, onde a glória divina se manifesta como graça e verdade. Consequentemente,

Deus, toma a iniciativa de fazer morada no meio do povo, mediante o Filho, ao tornar-se humano, ao vir se comunicar e estabelecer uma aliança com a humanidade. Por isso a condição humana de Jesus será o lugar da manifestação da glória de Deus (CNBB, 2025, p. 60).

Conclusão

A reflexão bíblico-teológica sobre a morada de Deus, inspirada pelo lema da Campanha da Fraternidade 2026 – *"Ele veio morar entre nós"* (Jo 1,14) –, revela um fio condutor que percorre toda a Escritura. No Antigo Testamento, a presença divina manifesta-se de maneira progressiva: do jardim do Éden como espaço originário de comunhão, passando pela tenda do encontro e pelo templo de Jerusalém, até chegar às promessas proféticas que apontam para uma presença mais radical e interiorizada. Esse caminho culmina no Novo Testamento, quando o Verbo eterno "arma sua tenda" na condição humana, tornando-se, em Jesus Cristo, a encarnação plena da morada de Deus no meio da história. A teologia paulina amplia essa perspectiva ao afirmar que a Igreja e cada batizado são templos do Espírito, antecipando a comunhão definitiva que se cumprirá na Nova Jerusalém (Ap 21,3)

Do ponto de vista exegético, a categoria da morada não se restringe a um espaço arquitetônico, mas exprime a iniciativa gratuita de Deus que, na fidelidade de sua aliança, deseja habitar junto à humanidade. Essa presença, que se traduz em cuidado, salvação e comunhão, encontra sua

máxima expressão na Encarnação do Verbo e continua atualizada na vida da Igreja, corpo de Cristo animado pelo Espírito.

Em perspectiva pastoral, o lema da Campanha da Fraternidade ilumina também a realidade social concreta. Se a morada de Deus é sinal da dignidade e do cuidado divino, a moradia humana deve ser compreendida como um direito fundamental e inviolável. Assim, a leitura bíblica impulsiona a Igreja a assumir a defesa de condições habitacionais dignas, a promover políticas públicas que garantam o acesso à terra e à casa, e a fomentar comunidades marcadas pela solidariedade e pela justiça. A dimensão eclesial e a social não se opõem, mas se integram: ao mesmo tempo em que a Igreja se reconhece como templo vivo do Espírito, é chamada a ser sinal de esperança na luta pela casa comum, onde cada pessoa possa viver com dignidade e fraternidade.

Dessa forma, a fundamentação bíblica do lema da Campanha da Fraternidade 2026 mostra que a morada de Deus não é apenas uma categoria teológica, mas também um horizonte ético e pastoral. Em Cristo, Deus não apenas visita, mas permanece no meio de nós, e esse dom exige da comunidade cristã uma resposta concreta: ser morada de Deus na história e testemunho de seu amor no compromisso com a justiça, com a dignidade da vida e com o direito de todos a uma casa onde possam viver em paz e fraternidade.

Referências

AQUINO, Tomás de. *Catena Áurea:* comentários aos evangelhos dos santos Padres. Vol. 4: Evangelho de João. Trad. de Veríssimo Anagnostopoulos (*et al.*). São Paulo: Ecclesiae, 2014.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Glória:* Uma Estética Teológica. São Paulo: Loyola, 2009.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo I.* Trad. José Maria de Almeida. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2017.

BAUCKHAM, Richard. *The Theology of the Book of Revelation.* Cambridge: CUP, 1993.

BEUTLER, Johannes. *Evangelho Segundo João.* São Paulo: Loyola, 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John (I-XII)*. AB 29. New York: Doubleday, 1966.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (org.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:* Antigo Testamento. São Paulo: Paulus: Academia Cristã, 2007.

BRUEGGEMANN, Walter. *First and Second Samuel.* Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville: John Knox Press, 1990.

CHILDS, Brevard S. *Isaiah.* Old Testament Library. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

CHILDS, Brevard S. *The Book of Exodus:* A Critical, Theological Commentary. Louisville: Westminster John Knox Press, 1974.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Campanha da Fraternidade 2026:* Texto-base. Brasília: CNBB, 2025.

CONGAR, Yves. *A Igreja:* Da Comunidade à Instituição. São Paulo: Paulinas, 1982.

FEE, Gordon D. *God's Empowering Presence.* Peabody: Hendrickson, 1994.

FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians.* NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

FRETHEIM, Terence E. *Exodus.* Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville: Westminster John Knox Press, 1991.

HAIGHT, Roger. *Christian Community in History.* New York: Continuum, 2004.

KILPP, Nelson. *O livro de Jeremias.* Um comentário exegético-teológico. (Comentário Bíblico). São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2025.

KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João.* Amor e fidelidade. Petrópolis: Vozes, 2000.

LINCOLN, Andrew T. *Ephesians.* WBC 42. Dallas: Word, 1990, p. 158.

MOLONEY, Francis J. *The Gospel of John.* Collegeville: Liturgical Press, 1998.

PITTA, Antonio. *Cartas Paulinas.* Introdução aos Estudos Bíblicos. Trad. Leonardo A. R, T. dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2019.

PIXLEY, George V. *Êxodo.* Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1987.

POLIEDRO SISTEMA DE ENSINO. Entenda a Campanha da Fraternidade 2026 – Fraternidade e Moradia. Disponível em: https://www.sistemapoliedro.com.br/blog/entenda-a-campanha-da-fraternidade-2026--fraternidade-e-moradia/. Acesso em: 23 set. 2025.

RAHNER, Karl. *Cristologia.* São Paulo: Paulinas, 1981.

REVISTA CASA COMUM. Campanha da Fraternidade 2026 coloca em pauta o direito à moradia. Disponível em: https://revistacasacomum.com.br/campanha-da-fraternidade-2026-coloca-em-pauta-o-direito-a--moradia/. Acesso em: 27 set. 2025.

SCHÖKEL, Luis Alonso; SICRE DÍAZ, José Luis. *Profetas I e II.* Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas: 1988. 1991.

STADELMANN, Luis. *Criação e ecologia na Bíblia.* São Paulo: Loyola, 2007.

THOMPSON, John Arthur. *The Book of Jeremiah.* Grand Rapids: Eerdmans, 1980. (The New International Commentary on the Old Testament).

WALTON, John H. *The Lost World of Genesis One.* Downers Grove: IVP, 2009.

WESTERMANN, Claus. *Gênesis 1-11:* Um Comentário. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

WRIGHT, N. T. *Surprised by Hope.* London: SPCK, 2007.